

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL – 8ª EDIÇÃO

Bianca Dos Santos Silveira

O PROFESSOR E O BEBÊ:
APONTAMENTOS PARA A QUALIFICAÇÃO DAS INTERAÇÕES

Trabalho de conclusão do curso de Especialização para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientadora Prof. Ms. Bianca Sordi Stock

São Leopoldo

2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e não ter me deixado desanimar.

A minha orientadora, pelos grandes ensinamentos que me passou e por estar sempre ao meu lado, sempre preocupada comigo, meu profundo agradecimento.

As minhas colegas e demais professores que participaram dessa jornada, aprendi muito com cada um, vocês são inesquecíveis.

A diretora da escola que trabalho e as minhas colegas, pela compreensão e pelo conforto durante esse momento.

Aos meus pais e meu irmão, que sempre me apoiaram muito e torcem por mim, não tenho palavras para agradecer tudo o que me fazem.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que participaram e contribuíram nesta busca de conhecimentos, que, por fazerem parte da minha vida, compartilharam comigo os momentos de angústia, euforia, muitas mudanças e descobertas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
1 - APRESENTAÇÃO DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTA	08
1.1 - Apresentação da observação e entrevista da escola A	08
1.2 - Apresentação da observação e entrevista da escola B	13
1.3 - Apresentação da observação e entrevista da escola C	19
2 - DESENVOLVIMENTO DAS 2 CATEGORIAS DE ANÁLISE	24
2.1 – O bebê como pessoa	24
2.2 – O espaço como potencializador do processo de aprendizagem	26
3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Durante a infância, a minha brincadeira preferida era dar aulas para os meus alunos imaginários, mas, ao contrário de muitas meninas, não sonhava em ser professora. Ao longo do tempo e com os professores que tive, essa profissão foi se tornando uma das opções. Aos dezessete anos concluí o ensino médio e ingressei no curso de pedagogia, escolhi este curso porque mesmo adorando as crianças e admirando o trabalho de alguns professores, esta instituição fornecia um grande desconto para os alunos, então resolvi experimentar.

Durante o curso tive oportunidade de trabalhar como estagiária em uma escola municipal de ensino fundamental. Adorava a experiência, mas a minha função era de substituir os professores nas suas faltas. Mesmo entrando todos os dias nas salas de aula, tinha pouco contato com os alunos e não pude passar as minhas aprendizagens para as crianças, tampouco nem criar laços afetivos, visto que as professoras titulares apenas tiravam xerox das atividades prontas dos livros para eu passar no quadro.

As minhas colegas da faculdade possuíam magistério e trabalhavam com turmas de educação infantil, ao ouvir os relatos delas, comecei a desejar conhecer essa outra área. O fim do ano se aproximou e com ele, fui transferida para uma escola municipal de educação infantil, com o objetivo de trabalhar durante o verão e depois retornar. Assustei-me com a ideia de trabalhar com o berçário e ao visitar a escola, voltei mais chocada, com medo do que estava por vir. Eis que na disposição das turmas, fiquei com uma turma de berçário, bebês de seis a doze meses de idade.

Tive a sorte de as quatro turmas estarem dispostas em uma sala só. Não sabia ao menos como trocar fraldas, nem o momento correto e ao ver uma professora levando um bebê para o fraldário, peguei um bebê e também o levei. Conforme os movimentos da colega, eu a imitava. Tive a impressão de ter “caído de paraquedas” naquele lugar, por vezes pensei que o fim do verão iria demorar muito para chegar.

O fato de presenciar as demais professoras ligando a televisão e colocando desenhos para as crianças assistirem, me entristecia e me incomodava muito. Ao questioná-las, ao expor minhas opiniões, elas afirmavam que era assim que funcionava e quando fosse possível, elas levariam os bebês para a pracinha.

Fevereiro chegou e não queria mais voltar para a escola antiga, tinha um carinho enorme pelas crianças e percebia o quanto a minha aprendizagem estava sendo maravilhosa, gratificante. Então, pedi para a diretora para continuar e o pedido foi aceito.

Trabalhei como auxiliar de berçário por mais um ano e meio. Durante esse tempo tive novas professoras como responsáveis pela turma, mas, elas não davam espaço para eu desenvolver novas atividades, aplicar o conhecimento que estava obtendo ou quaisquer decisões simples. Nesses momentos eu percebia que somente cuidava deles, porém, as titulares, não faziam cantigas de roda, brincadeiras diferenciadas, e também não tinham vínculo afetivo com eles.

Ao propor novas ideias para trabalhar com as crianças, as minhas colegas falavam que não, pois iria dar muito trabalho, comentavam que eu tinha essas vontades porque era novata e afirmavam que elas estavam só esperando a aposentadoria. A forma lúdica é de extrema importância para o desenvolvimento e aprendizagem dos bebês, da mesma maneira que também necessitam de estímulos.

Durante as minhas aulas, a paixão pela pedagogia e a vontade de fazer diferente foram crescendo, todas as novidades eu levava para a sala de aula, me imaginava trabalhando com eles, mas novamente não tinha o apoio das professoras. O dia a dia nessas turmas eram cansativos e exaustivos para as crianças. Além dos dias para se trabalhar as datas temáticas, os bebês ficavam “soltos”.

O momento do sono era muito cansativo, pois enquanto os menores dormiam nos carrinhos, arrumávamos os colchões no chão para os maiores, escurecíamos a sala e entregávamos o bico ou a fralda para quem tivesse.

No momento de colocá-los para dormir, nos revezávamos, não tínhamos crianças fixas, e por diversas vezes ouvi comentários, como por exemplo: “Fulano não dormiu hoje porque ganha muita manha”. Enquanto eu fazia carinho nos meus, cantava músicas para acalmarem, com os demais era diferente, tapados com os lençóis nas cabeças, xingados.

Vários fatores me chateavam, mas o que mais me inquietava era o momento em que as professoras atiravam um cesto com brinquedos prontos, velhos e quebrados em um pequeno canto da sala para as crianças brincarem, enquanto elas apenas observavam. Os brinquedos precisam estar dispostos ao alcance dos bebês, de maneira que eles possam alcançá-los ao sentir vontade. Nesses momentos, eles brigavam, mordiam-se, se isolavam, choravam, mas a rotina era sempre a mesma.

Nos momentos que as crianças não brincavam com os brinquedos, assistiam dvds infantis. Linn, (2010) destaca que “não existe evidência comprovada de que a mídia de tela seja educativa para bebês e crianças de até 2 anos ou benéfica para eles em qualquer aspecto” (p. 71), além de outros estudos sugerirem que, o desempenho nos testes de matemática e leitura podem ser menos benéficos, assim como o seu índice de QI, independentemente do tempo em que assistem.

Dificilmente haviam atividades direcionadas, porque segundo a titular, era exaustivo. Raros eram os momentos em que os pequenos iam para o pátio, já que a professora afirmava que não os levava porque dava trabalho. Visto que os bebês iam muito pouco para a rua, era perceptível a felicidade deles ao saírem da sala e nos momentos que estavam na pracinha, as crianças não brigavam entre si e também não choravam, os bebês maiores pulavam, desciam e subiam nos escorregadores, enquanto os menores brincavam sentados na areia, tinham espaço grande para engatinhar e arriscar uns passos.

Durante o tempo que estudei pedagogia aprendi muito sobre as crianças, mas foi com o meu trabalho de auxiliar de berçário que coloquei um pouco dos meus ensinamentos em prática, percebi o quanto é gratificante. Estava tão maravilhada pela educação infantil que decidi fazer uma especialização nessa área e tenho certeza que tomei a decisão correta.

A questão do carinho com os bebês, de passarmos confiança e de criarmos laço afetivo com eles e com as suas famílias é de extrema importância, eles necessitam de proteção, atenção e afeto; além do momento do brincar, que durante o curso sempre me interessou, me inquietou, tenho necessidade de compreender mais sobre a vida do bebê, mais sobre o brincar no berçário, pois este precisa ser um ambiente estimulador e o brincar é de suma importância para o desenvolvimento da criança. De acordo com Piers e Landau (1980, apud Moyles, 2002) “o brincar desenvolve a criatividade, a competência intelectual, a força e a estabilidade emocionais, e... sentimentos de alegria e prazer: o hábito de ser feliz” (p. 21).

Somente com a especialização que pude perceber a importância de tudo que é trabalhado com as crianças, sobre as diferentes formas, teorias e pensamentos. Com esse novo olhar, percebo que quero me tornar uma professora participativa, interessada e preocupada, quero fazer diferente dos tantos profissionais desanimados e infelizes com as suas profissões.

Em vista disso, o objetivo desse trabalho é apresentar outras possibilidades de interação entre professores, crianças e o espaço escolar, o qual proponha qualidade no brincar, promova o desenvolvimento amplo das crianças, bem como uma relação de satisfação e intencionalidade dos professores com o seu fazer na educação infantil. De acordo com Linn (2010) “brincar é essencial ao desenvolvimento da criatividade, da empatia, do pensamento crítico, da solução de problemas e da atribuição de sentido” (p. 44).

Para tanto, realizei três observações do cotidiano escolar de crianças de 01 a 02 anos em três escolas com propostas diferentes, nas cidades de Capão da Canoa e Porto Alegre. A partir desses relatos, também realizei uma entrevista com cada professora titular das turmas observadas. Evidencio aqui, que os nomes das escolas, das professoras e das crianças foram preservados, por esse motivo, se tratam de nomes fictícios.

A partir das observações, elenquei duas categorias de análise: o bebê como pessoa e o espaço como potencializador do processo da aprendizagem. Os autores de referência foram aqueles estudados no curso de especialização em Educação Infantil da Unisinos, como Winnicott, Malaguzzi, e também os autores estudados no curso de pedagogia. Ao final, apresento as considerações finais.

1. APRESENTAÇÃO DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS

1.1 APRESENTAÇÃO DA OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL A

A escola de educação infantil A possui três turmas de berçário com crianças de 01 a 02 anos. No dia em que os observei, a professora auxiliar não estava, somente a titular, Maria, com cinco crianças. Na mesma sala, se encontram outras duas turmas, com crianças da mesma faixa etária e dois adultos responsáveis por cada uma delas. Dessa forma, estavam presentes dezesseis crianças ao total.

A sala é composta por quatro divisões: espaço do sono (onde são dispostos colchonetes no chão e após o uso são empilhados), fraldário e pia com espaços para os itens das crianças, espaço para guardar os brinquedos maiores e sala com espaço livre, onde se encontra uma pequena estante com alguns brinquedos e televisão.

Os brinquedos que há na sala chamaram-me a atenção e pareceu-me pouco estimulante para as crianças. Observei apenas algumas bonecas e ursos velhos, garrafas pet que a professora confeccionou, dentro há glitters, pequenos objetos, água e gel colorido. Em uma questão abordada com a professora, questionei se ela acreditava que o material lúdico disponível na turma de berçário era suficiente e adequado. Ela afirmou que o material lúdico é algo a conquistar, pois não possui a quantidade suficiente para todos e alguns brinquedos precisam ser adequados para a faixa etária.

Nesse sentido, Fortunati (2014) aponta que:

a oferta de objetos e materiais disponíveis, muitos dos quais podem ser utilizados com autonomia, com a seleção intencional de uma vasta gama de escolha de materiais reciclados e naturais ou então não-estruturados, permite às crianças reinventar significados e possibilidades de uso, padrões e rituais de jogos originais e compartilhados com o pequeno grupo ou com toda a turma. (p. 27)

Conforme as crianças acordaram após o almoço, foram para o espaço livre, ficaram uns quinze minutos sem atrativos e começaram a chorar. De repente, uma das auxiliares alcançou os brinquedos que estavam no armário, e eles acalmaram.

De início, pude perceber que Laura, de 19 meses, é distante da turma e quando alguma criança a encosta, começa a chorar. Nos momentos em que estive com algum brinquedo e o colega o pegou de suas mãos, chorou outra vez. Durante

as disputas pelos brinquedos, a interferência da professora era pedir para que parassem de brigar, entregando o mesmo para ela e outro brinquedo para a outra criança. Conforme Fortunati (2014),

o adulto é presente, observador incansável, mas também coprotagonista nos momentos em que a relação com uma ou mais crianças pode sustentar uma possível evolução do rumo da brincadeira, pode acolher uma solicitação de auxílio, consolar a frustração de algo que deu errado e as lágrimas por uma recusa. (p. 71)

Ao conversar com a titular, me relatou que a menina frequenta a escola durante um período e falta durante alguns dias. Ao voltar, o comportamento é esse. Fiquei me questionando se era apenas essa a explicação para o comportamento da menina e se havia algo mais que a professora poderia fazer por ela.

Já Rafael, de dois anos, se mostrou ativo, observou os gestos das professoras e tudo o que acontecia a sua volta, pegava as garrafas e agitava-as, depois olhava os movimentos dos objetos se locomovendo para a outra ponta. Sobre o menino, a professora falou: “Ele só perturba os colegas, não sabe brincar com os outros”. No momento em que observei, ele se mostrou agitado e realmente não parou para brincar. Por diversas vezes pegou os objetos das mãos dos colegas e quando conseguia, atirava para o outro lado, ou pegou o bico e a fralda de uma criança e começou a girar no ar, próximo ao rosto dos colegas. Rafael é uma criança inteligente que está descobrindo tudo a sua volta, mas fiquei pensando como seria se a professora sentasse com ele e conversasse, explicasse os motivos para não ter este comportamento, sentasse com os demais colegas no mesmo momento.

Davi, de 23 meses, segundo a professora: “é uma criança difícil e é muito apegado com as coisas dele, não deixa que tirem os calçados e as roupas, e quando alguém se dirige a ele, a resposta é sempre não”. Por diversas vezes, ele insistiu pegar os brinquedos que os colegas brincavam, nos momentos que a professora tentou conciliar falando para ele trocar, só negava. A professora me relatou que por ele negar tudo e ela saber como ele vai reagir, já fala com ele sempre com tom de autoridade.

Outra fala da professora foi em relação à “mania” do Davi: “ele tem mania de carregar sempre um cobertor, tem dias que percebe que está sem e faz uma birra”. O cobertor de Davi tem importância para ele pois remete a sua casa, a sua família,

de maneira a se sentir mais seguro. Linn (2010) fala sobre esses objetos e a importância que o psicanalista Donald Winnicott ressalta:

essa coleção variada de cobertores, ursos e outros objetos que Winnicott chamou de “objeto transicional” surge quando o bebê começa a transição da total dependência para a independência. Esses objetos “tornam-se cruciais” para o conforto ou para dormir à noite. De fato, às vezes parecem ser mais importantes que os pais de verdade, porque as crianças não toleram se separar deles... por um lado, é só um cobertor; por outro lado, esse cobertor em particular ajudar uma criança a se sentir segura, e nenhum outro cobertor pode substituí-lo. (p.108)

Arthur, de dois anos, é uma criança calma, brincou com as bonecas sozinho e durante um pequeno período de tempo encaixou uns brinquedos, depois com os mesmos, empilhou um em cima do outro. Distraiu-se arrastando os brinquedos na parede, como quem brinca com carrinhos no chão. Winnicott (1982) afirma “ao brincar, o bebê mostrou que reunira algo em si próprio que poderia denominar-se o material para brincar, um mundo interior de vivacidade imaginativa, que se manifestou pela brincadeira”.

Miguel, de 21 meses, brincou na maior parte do tempo sem interagir com o restante. Na sala há os bonecos do Patati-Patata no tamanho grande e ele caminhava ao redor dos demais, abraçado com o boneco. O menino encontrou um interruptor de luz e se divertiu durante os instantes em que apertava, ao ver que ligava e desligava a luz. A professora falava para sair e ele obedecia, mas em seguida, retornava.

Em um determinado momento, outra professora cantou músicas com todas as crianças, gesticulou, bateu palmas e dançou. Aos poucos algumas crianças largavam os seus brinquedos e cantavam, dançavam, sempre imitando os gestos da educadora. Todos se mostraram contentes e participativos, até mesmo quem estava chorando se acalmou e interagiu com o restante da turma.

Questionário realizado com a professora:

Visto que Maria estava sem a auxiliar, ao invés de conversarmos durante as questões, ela apenas respondeu em uma folha.

1- A respeito de crianças de 12 a 24 meses de idade, como você vê o brincar?

O brincar é “tarefa” fundamental para o desenvolvimento pleno da criança

2- Como você brinca com seus alunos? Como eles brincam entre si?

Brinco em alguns momentos com propostas dirigidas e em outras, observo a sua autonomia. O brincar entre eles é centrado na posse dos brinquedos, de maneira individual.

3- Qual a importância que os brinquedos têm no desenvolvimento psicomotor das crianças?

Esta questão não foi respondida.

4- Você acredita que o material lúdico disponível na turma de berçário seja suficiente e adequado?

O material lúdico a conquistar, não possui a quantidade suficiente para todos e alguns brinquedos precisam ser adequados para a faixa etária.

5- De que maneira e quando deve haver mediação do professor no brincar das crianças?

O professor deve mediar o brincar do aluno quando em algum momento este está colocando em risco sua integridade física ou do colega e/ou caso ele precise de auxílio.

6- O que podemos identificar através das brincadeiras das crianças?

Através do brincar identificamos os aspectos importantes na vida diária da criança (afetivo, social, motor...) e sua relação diária com o mundo que o cerca.

7- Como a criatividade e a vontade dos bebês são respeitadas?

Eles apresentam autonomia e suas vontades são respeitadas até o momento que seus “desejos” não ultrapassam as medidas de integração do grupo (socialização). “As birras”, exemplo, são controladas sim e não são impostas.

8- A criança descobre diversos materiais e espaços enquanto brinca? Como?

As crianças descobrem os materiais na estante, o espaço da escola, enquanto brincam na pracinha, manipulam objetos variados (garrafas coloridas,

caixas de papelão, túnel de tecido), tapete sensorial, ao utilizar as motocas, a casinha de tecido, as tiras sensoriais.

9- Como e de que a criança brinca?

A professora comentou que esta pergunta é parecida com outras e que já havia respondido essa pergunta nas outras questões.

1.2 APRESENTAÇÃO DA OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL B

A escola de educação infantil B, possui uma turma de berçário, Mariana é a professora titular e há mais duas auxiliares. A turma é composta por quatorze crianças de seis meses de idade à um ano e quatro meses. Na tarde em que observei, estavam presentes dez crianças, sendo seis de 1 ano à 1 ano e 04 meses.

A sala é composta por dois espaços: espaço com os berços e televisão, espaço livre com os brinquedos espalhados pelo chão e estofados, além do fraldário. No espaço com os berços, as crianças podem transitar livremente, não há nenhuma divisória. No outro lado da sala, há um berço com bolinhas de plástico (para piscina) e alguns brinquedos, também tem cadeiras de balanço para os bebês e puffs para as professoras.

Os brinquedos disponibilizados para as crianças são de encaixar, peças para empilhar, blocos com formas geométricas, brinquedos com sons, luzes e coloridos. Pequenas mesas com sons e botões para apertar, livros de banho coloridos em formato de animais, tambores e chocalhos. Percebi que crianças se mostraram interessadas, os brinquedos são atraentes e estimulantes. De acordo com o Ministério da Educação - MEC, os materiais estão adequados para a faixa etária deles:

Sugestões de brinquedos e materiais para bebês (0 a 1 ano e meio):

- Chocalhos, móveis sonoros, sinos, brinquedos para morder, bolas, blocos macios, livros e imagens coloridos, brinquedos de empilhar, encaixar, espelhos.
- Objetos com diferentes texturas (mole, rugoso, liso, duro) e coloridos, que fazem som (brinquedos musicais ou que emitem som), de movimento (carros e objetos para empurrar), para encher e esvaziar. Brinquedos de parque. Brinquedos para bater.
- Cestos com objetos de materiais naturais, metal e de uso cotidiano. Colcha, rede e colchonete. Bichinhos de pelúcia. Estruturas com blocos de espuma para subir, descer, entrar em tuneis. (MEC, 2010a, p. 17)

No momento em que entrei na sala, havia um menino, Pedro de 16 meses, dentro do berço com bolinhas de piscina e alguns brinquedos de plástico. Segundo as professoras, ele estava ali porque estava muito agitado. Ao invés de se acalmar, atirava as bolinhas para fora do berço e puxava as crianças que passavam próximo.

Em virtude dos movimentos e da agitação, as professoras chamavam a atenção dele, falavam para não atirar os brinquedos do berço, mas isso não adiantava, pois elas conversavam e logo após, tornava a fazer o mesmo. Percebi que eu estava preocupada com a cena e refleti a partir do que Linn (2010), nos propõe:

no início, os bebês brincam tentando repetir prazeres sensoriais, superar desafios físicos e investigar e testar os princípios do mundo físico. Aquele período engraçado e irritante em que os bebês repetida e deliberadamente jogam no chão brinquedos, colheres e todos os objetos nos quais conseguem colocar as mãos é na verdade, uma exploração da gravidade. (p. 31-32)

Rafael e Nicolas de 16 meses e Felipe de 12 meses, em momentos diferentes e isolados, pegavam os brinquedos espalhados pelo chão, observavam durante um tempo e depois atiravam no chão ou na caixa de brinquedos, também em alguns casos, subiam em cima dos brinquedos maiores. Em outro momento, Rafael, balançou de maneira calma a cadeira de balanço, enquanto havia um bebê sentado. Também colocou o bico na boca de outro bebê que estava chorando e entregou um brinquedo que estava no chão. Linn (2010), cita sobre a criança experimentar novos papéis “quando tem tempo e oportunidade, as crianças se voltam espontaneamente para a brincadeira de faz de conta como uma maneira de entender o mundo, lidar com a adversidade, experimentar e ensaiar novos papéis” (p. 35).

As crianças estavam um pouco agitadas e choronas, então a professora pegou um chocalho e começou a cantar e dançar, aos poucos, todos ficaram a sua volta, imitando os gestos e sorrindo. Após a dança, a professora entregou o chocalho para Matheus, de 13 meses, que circulou pela sala, agitando as mãos, dançando e batendo o objeto nas paredes. A professora me comentou que ele é um dos que mais gostam de músicas, danças.

Em um dos momentos, Pedro atirou um pequeno brinquedo em um dos bebês que estava na cadeira e Mariana explicou para ele não atirar, pois pode machucar, e com a mão dele, demonstrou como fazer carinho nas outras crianças. Ao ver a professora conversando e explicando para a criança o porque de não poder machucar os colegas, percebi que ela tratava-o como uma pessoa e não apenas como um bebê que não entende, como uma pessoa que agiu e a docente explica sem menosprezá-lo.

Por diversas vezes, as professoras pegaram as crianças no colo, fizeram carinho, brincaram com movimentos a imitar um “cavalinho”. Em uma das cenas, Felipe estava sentado no chão, brincando sozinho com o pequeno tambor, ao chegar Nicolas com a intenção de brincar com o mesmo brinquedo, o primeiro saiu, retirando o brinquedo do local. A professora viu a cena e explicou para o menino que os dois podem dividir o brinquedo, brincar juntos, após levou Nicolas até ele e interferiu de maneira a cada um bater na sua vez, aos poucos ela se retirou da cena e eles continuaram brincando. De acordo com Greco (2008):

a professora precisa de certa compreensão do que ocorre na brincadeira, o que não quer dizer que ela deva interferir, é justamente o contrário: ela não deve interferir nas brincadeiras das crianças, a não ser que elas necessitem de um adulto para fazer alguma mediação quando surgir um conflito que elas não consigam resolver sozinhas. (pg. 70)

A professora interferiu na brincadeira agindo de maneira que os dois brincassem juntos e dividissem o brinquedo, sem notar.

Questionário realizado com a professora:

1- A respeito de crianças de 12 a 24 meses de idade, como você vê o brincar?

Por enquanto eu não separo eles para brincar, como normalmente tem um (uma criança) em adaptação, eu ainda não consegui sentar com eles e fazer uma rotina bem definida, uma única atividade, geralmente a gente brinca com eles com música, com leitura, aos poucos consigo sentar eles e os maiores já conseguem se concentrar um pouco mais, no máximo cinco minutos de concentração, sem ter que deixar eles na cadeira, já que na cadeira eles ficam obrigados a ouvir, gosto que eles fiquem bem livres. Trabalho com historinhas que tem animais do cotidiano deles, uso também muita música, instrumentos que fazem sons, que é o que chama a atenção deles, o que eles gostam, o barulho. Então, atividades definidas para fazer com eles eu não tenho, até me programo, mas as vezes chego aqui e um tá ruinzinho, doentinho e não consigo. Às vezes até me frustro, porque me programo para fazer a atividade e quando chego aqui, não consigo, às vezes um simples carimbar mão,

carimbar pé, eles não querem. No mais, é leitura, objetos que tenham sons, livros pequenos com gravuras maiores para que chamem a atenção deles.

2- Como você brinca com seus alunos? Como eles brincam entre si?

Eles brincam com os brinquedos e já se interagem, mas estão na fase do egocentrismo, alguns tem o prazer de tirar o brinquedo da outra criança, e outros estão criando uma certa maturidade, de respeitar, de ouvir a palavra não e parar, devolver o brinquedo. Mas, eles tem o prazer de tirar o brinquedo do colega, é da idade, a gente trabalha bastante com isso, falando que não pode, tem que dividir, porque a gente sabe que para eles o não é milhões de vezes por dia, e eles acabam vendo que não pode, desistindo, porque as vezes é persistência. Quando sabem que não pode, aí que eles querem fazer, quanto mais não, mais estão estimulando porque o não, então eu sempre costumo explicar o porque de não poder. Mas eles brincam entre si, já estão socializando, alguns são mais individualistas e brincam sentados, a gente tenta interagir eles, socializar, até porque quando eles vão para o maternal II, eles trabalham muito isso, socialização entre os colegas, tudo em grupo, a não ser que seja atividade pedagógica mesmo. Se não, o brincar é sempre em grupo.

3- Qual a importância que os brinquedos tem no desenvolvimento psicomotor das crianças?

Eu acho muito importante, principalmente por que eu acho que realmente é brincando que eles estão aprendendo. E eles estão muito na fase da repetição, eles repetem muito o que a gente faz. Então as vezes nas brincadeiras a gente usa até o “não pode”, “tem que fazer carinho”, e na brincadeira eles acabam percebendo isso e desenvolvendo depois. E também a gente trabalha muito isso com eles, como os limites, que acho importante eles saberem, porque depois eles vão ter e já precisam começar a conviver com isso. Mas o brincar para eles, eu acho muito importante, é uma fase de desenvolvimento, dos 0 aos 2 anos, é a fase que eles mais desenvolvem.

4- Você acredita que o material lúdico disponível na turma de berçário seja suficiente e adequado?

Acho adequado, tem bastante, até a diretora está sempre procurando por novos brinquedos, se atualizando, tem material com áudio, até a televisão fica

sempre ligada mas eles não ficam na frente, deixo ligada mais por distração, porque as vezes algum quer olhar ou para os bebês menores, mas eles raramente assistem. Parar e colocar todos na frente da televisão, isso eu nunca fiz. Alguns brinquedos maiores acabo tirando porque as vezes os maiores querem subir e se atirar, então tiro do alcance deles para não se machucarem e quando a gente vê que está muito perigoso, a gente tira.

5- De que maneira e quando deve haver mediação do professor no brincar das crianças?

Eu acho que assim, quando eu vejo que de repente eles podem ir muito mais além do que estão tentando, eu gosto que eles explorem bastante, gosto de colocar coisas que desperte a curiosidade deles. Então no momento que vejo que eles podem ir mais além, de se machucar, ou até mesmo um simples brincar mas que as de repente pode desenvolver outras atividades mais importantes. Porque eles são muito curiosos, exploram muito, gostam muito de detalhes. Então eu deixo eles explorarem, mas interfiro quando vejo que eles podem vir a se machucar. Geralmente eles gostam de brincar com as peças de lego, de montar e de encaixar, e ensino o Gabi só uma vez, ele já vai lá e faz igual. De repente ele iria pegar o brinquedo e atirar no chão, fazer barulho, mas sento com ele, vou lá e explico e ele já reproduz do mesmo jeitinho que fiz com ele.

6- O que podemos identificar através das brincadeiras das crianças?

A professora não respondeu esta questão.

7- Como a criatividade e a vontade dos bebês são respeitadas?

Esta questão não foi respondida.

8- A criança descobre diversos materiais e espaços enquanto brinca? Como?

Deixo as crianças a vontade para explorarem a sala e o material, eles descobrem o material e os espaços enquanto brincam. Agora começando a esquentar um pouco, a gente começa a sair com eles para pegar um solzinho na parte da manhã, para eles explorarem outros espaços, e mesmo este ambiente sendo arejado, é só este ambiente, então é importante para eles. Como de manhã a

escola é mais calma, são menos crianças e os maiores não estão, deixo o pátio livre para eles circularem, para andarem nas motocas.

9- Como e de que a criança brinca?

A questão não foi respondida.

Comentário da professora:

A gente sempre procura interagir, socializar eles nos projetos das escolas. Agora tem a semana farroupilha, eles não comem as comidas típicas, mas vai ter uma rodinha no galpão crioulo e a gente vai levar eles para tirarem fotos, alguns vem com vestidos, roupas típicas. A gente vai socializando eles conforme dá.

1.3 APRESENTAÇÃO DA OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL C

A turma da escola de educação infantil C é composta por 07 crianças, de 1 ano e 3 meses à 1 ano e 7 meses, no dia estavam presentes todas crianças, tendo como responsáveis a professora Helena, titular da turma e uma professora auxiliar.

A sala é constituída por um pequeno espaço, sem divisões. Encontrei em uma parede da sala, varal de barbante e prendedores com atividades penduradas que as crianças realizaram. Nas demais, há quadros com papel pardo e giz de cera, para desenharem livremente. Em dois armários, há brinquedos ao alcance das crianças, assim eles exploram o ambiente e manipulam os objetos quando há interesse.

No momento que entrei, Murilo de 19 meses, apresentou-me, todos os brinquedos, trabalhos e espaços da sala. Ao mostrar-me um brinquedo de colocar a bolinha no escorregador, ele brincou diversas vezes e por fim, entregou-me para que eu fizesse o mesmo, e fiz, então, pegou o objeto e continuou na brincadeira. Esta cena fez-me pensar acerca do que o MEC refere sobre o brincar, como podemos observar neste excerto:

para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. (MEC, 2010a, p. 01)

Já os demais, me observaram e continuaram brincando, cada um com o seu brinquedo. Isadora de 19 meses, também me apresentou a sala, pegou pela minha mão e me levou até um dos espaços com papel pardo e giz de cera. Ali, ela começou a fazer riscos no papel, a cada novo rabisco, olhava-me e dava risadas.

Na tarde em que observei a turma, eles tiveram aula de inglês, a professora é bem alegre, comunicativa e ao entrar na sala, todos se agitaram. Perguntei como funcionavam os horários com ela e me comentou que uma vez por semana, dá o lanche para eles, nesse momento ela canta músicas, nomeia as frutas e as bebidas em inglês.

No momento do lanche, chegou mais uma menina, Lara de 19 meses. Ela estranhou a mim e a professora comentou que isso é normal, ela também estranha alguns pais das outras crianças e algumas professoras. Ao sentar na cadeira para lanche com o restante do grupo, Lara que estava na ponta, se atirou no chão. A professora acolheu-a, explicou que eu era somente uma amiga e estava ali para conhecê-los.

Terminado o lanche, a professora de inglês foi para outra turma e as crianças brincaram livremente. Alguns correram em volta das mesas, outros pegaram alguns brinquedos e Lara continuava a chorar.

Enquanto Murilo estava correndo na sala, acabou batendo no Eduardo e o empurrou contra a parede. De imediato ele começou a chorar e a professora o acolheu. Enquanto isso, Murilo se atirou no chão e começou a chorar. A professora me relatou que ele faz isso porque sente ciúmes, já que a atenção não voltou para ele. Após acalmar Eduardo, a educadora explicou para Murilo que a sala não é lugar de correr, pois podem acontecer acidentes.

A professora terminou de organizar a sala e pegou uma caixa com brinquedos dentro. Na caixa havia frutas e legumes de plástico, alimentos dentro de garrafas pet e itens de cozinha, como prato, talheres, copos. A professora os deixou explorar o material e depois começou a citar os nomes, a perguntar se eles gostavam daqueles alimentos, brincou de fingir que estava comendo as comidas. No momento em que as crianças brincavam com as comidas, como se estivessem fazendo, recordei-me da fala de Winnicott (1982), após citar uma observação do bebê brincando com uma colher e a sua mãe não interferiu “ao brincar, o bebê mostrou que reunira algo em si próprio que poderia denominar-se o material para brincar, um mundo interior de vivacidade imaginativa, que se manifestou pela brincadeira”.

Brincaram durante um tempo e foram para a sala ao lado, espaço que ficam outras crianças da mesma idade e a professora colocou no chão, alguns fantoches para explorarem. Após um tempo, a professora da outra turma começou a contar histórias sobre amigos com alguns fantoches. Enquanto isso, Helena estava sentada com a Lara no seu colo e outros na sua perna, as demais crianças prestaram atenção durante a contação. No final, as professoras bateram palmas e as crianças repetiram o gesto.

Terminada a atividade, todos voltaram a brincar com os fantoches. Depois, ligaram o som com músicas da Galinha Pintadinha e as crianças dançaram,

pularam, deitaram no chão, rodopiavam, com exceção da Lara, pois me olhava e começava a chorar.

Durante essa atividade, pude concluir que as crianças estavam se sentindo alegres, elas faziam trenzinhos com as professoras, fizeram círculos, bateram palmas, reboavam, além de darem boas gargalhadas. Em seguida, voltaram para a sala e as professoras entregaram os bicos e as fraldas, organizaram os colchonetes para todos dormirem.

Questionário realizado com a professora:

1- A respeito de crianças de 12 a 24 meses de idade, como você vê o brincar?

Deixo eles sempre a vontade para brincarem, eles exploram todos os materiais e os ambientes, tem alguns que exploram mais que outros. O Murilo, por exemplo, ele explora todo o material e quando já não tem mais chance de nada, ele larga e daí procura outra coisa. A maioria das vezes eles tem um pequeno interesse por alguns brinquedos, eles brincam e daqui a pouco já não querem mais. Então a gente procura oferecer outras brincadeiras, outras coisas que chamem atenção deles, para que eles possam brincar. Procuro estar sempre com eles, sempre brincando junto, para a criança é muito importante, até para que eles aprendam a brincar, porque eles não sabem brincar, eles aprendem conforme aquilo que tu vai mostrando para eles. Depois que eles aprendem, vão brincar do jeito deles.

2- Como você brinca com seus alunos? Como eles brincam entre si?

Eles brincam mais sozinhos, cada um com o seu brinquedo. Mas a partir do momento que um pega um brinquedo, todos querem o mesmo. Mas na maioria das vezes eles brincam sozinhos, ainda não tem aquela coisa de brincar com o outro, de emprestar, de brincar junto, eles ainda não conquistaram isso, até pela idade.

3- Qual a importância das brincadeiras no desenvolvimento psicomotor das crianças?

Bom, a brincadeira é tudo. Através das brincadeiras eles aprendem tudo, demonstram tudo, o que eles sentem, o que eles passam, eles demonstram tudo através de qualquer brincadeira. Bom, ajuda no motor deles, na psicomotricidade, ampla e fina, o toque, a lateralidade deles, eles desenvolvem muito com o brincar. O

brincar é muito importante, na motricidade, e qualquer coisa que envolva o brincar e o corpo, a interação entre eles. Sempre com adulto participando, gosto muito de brincar com eles, brinco de pular, a gente brinca muito de empurrar/movimentos. O toque também, isso pra mim é muito importante, o carinho também faz parte.

4- Você acredita que o material lúdico disponível na turma de berçário seja suficiente e adequado?

Acho que o material é adequado, mas como é a primeira turma, são alunos novos, não tem tantos brinquedos como eu gostaria que tivesse, mas os brinquedos que tem na sala são adequados para a faixa etária deles. Organizamos o espaço também para ficar do jeito deles.

5- De que maneira e quando tu acha que deve haver mediação do professor no brincar das crianças?

Durante a brincadeira, principalmente quando tem alguém brincando e todos os amigos querem o mesmo brinquedo. Às vezes o brinquedo está ali e ninguém está dando importância, mas a partir do momento que um pegou, todos querem também, é aí que deve haver mediação do professor. O professor deve explicar que não é legal pegar o brinquedo do amigo ou que amigo vai olhar e depois vai emprestar, que ele também vai brincar, e também eu tento incentivar eles para brincarem juntos, mas nessa fase é bem difícil, porque estão na fase de que tudo é meu, de que ainda não sabem repartir.

6- O que podemos identificar através das brincadeiras das crianças?

Os sentimentos, por exemplo, se a criança está triste ou feliz, se eles estão passando por algum problema, se está doentinha, enfim, eles demonstram tudo nas brincadeiras, o corpo fala, ele mostra a todo momento. Tu vê que a criança não tá legal a partir do momento que ela tá brincando, que ela tá diferente do normal, tu começa a prestar atenção e vê que alguma coisa não tá bem, quando acontece isso a gente passa para a nossa psicóloga (ela não vem todos os dias, mas está sempre a disposição).

7- Como a criatividade e a vontade dos bebês são respeitadas?

Bom, eles são muito curiosos, deixo bem livres para explorarem primeiro o material e depois a gente faz as atividades. Eles interagem muito, são curiosos, até mesmo quando a gente carimba os pés, eles olham, tocam.

8- A criança descobre diversos materiais e espaços enquanto brinca? Como?

Eles descobrem todos os espaços da escola, as vezes eles visitam os amigos, os bebês menores e outros da mesma faixa etária, estamos sempre fazendo interação com essa segunda turma, já que é o mesmo nível. Temos a sacada que a gente sempre vai, tem um dia da semana para cada um, a sacada é um pátio pequeno, mas eles adoram, onde conseguem ver toda a rua, o movimento, tem o pátio lateral também. É tudo dividido por dias e horários, para que todos possam aproveitar, fora os outros pátios, biblioteca, brinquedoteca e a horta. Lá eles mexem na terra, comem salsinha, eles adoram, eles são muito espertos, eles interagem com todos.

Eles são calmos, até porque são o reflexo da professora, se tu xinga eles, vão reagir no comportamento. A gente tenta dar uma melhor atenção possível.

9- Como e de que a criança brinca?

A professora não respondeu.

2. DESENVOLVIMENTO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

2.1 O BEBÊ COMO PESSOA

Antigamente, as escolas de educação infantil eram vistas apenas como depósitos de crianças, local em que as mães as deixavam como função de assistencialismo, em que preocupava-se somente com a higiene e com a saúde da criança. Conforme Cairuga, Castro & Costa (2014):

foi só recentemente no Brasil, a partir da Constituição (1988), que as creches foram vinculadas à área da educação. Surgiram, então, uma série de políticas públicas e propostas pedagógicas que buscam conciliar o ato de cuidar e o ato de educar, bem como organizar o espaço de acordo com as necessidades cognitivas, psíquicas e sociais da criança visando a um desenvolvimento integral (p. 49-50)

Nos dias de hoje há cada vez mais necessidade de as famílias deixarem as crianças nas escolas, seja porque as mães saem de casa para ingressarem no mercado de trabalho ou para que haja contato com outras crianças, fora o núcleo familiar. Nesse sentido, os bebês precisam ser vistos como pessoas, com as suas necessidades reconhecidas e respeitadas, os interesses distintos de cada faixa etária também devem ser levados em consideração.

Durante uma das observações, uma professora cantou músicas com todas as crianças, gesticulou, bateu palmas e dançou. Aos poucos algumas crianças largavam os seus brinquedos e cantavam, dançavam, sempre imitando os gestos da educadora. Todos se mostraram contentes e participativos, percebi o quanto se sentem seguros, se sentem protegidos, até mesmo quem estava chorando, se acalmou e interagiu com o restante da turma.

Precisamos criar um espaço seguro para que o bebê se sinta confortável. Winnicott (1975) traz o termo “holding”, que significa o modo como a mãe suficientemente boa segura o bebê, passando-lhe segurança e identificação. Conforme Linn (2010) “os braços de alguém que cuida da criança podem ser um ambiente de holding. Uma sala de aula também pode” (p. 99). Linn também ressalta quanto ao espaço:

a necessidade de holding para brincar espontaneamente e de maneira criativa continua tanto no ambiente físico quanto nos relacionamentos. Elas precisam se sentir seguras tanto no aspecto físico quanto no emocional. Precisam de espaço para explorar e experimentar dentro dos limites que as protegem sem restringi-las. Precisam de espaço físico seguro para brincar e precisam de relacionamentos com adultos que, simultaneamente, incentivem a liberdade de expressão e delineiem limites claros que as impeçam de machucar ou se machucarem. (LINN, 2010, p. 100)

As crianças são ávidas exploradoras e precisamos escutá-las, compreendermos as suas necessidades, precisamos ver os bebês como pessoas com sentimentos e desejos. Segundo Cairuga, Castro & Costa (2014) “é um grande desafio para os professores que trabalham com crianças dar significado às necessidades, aos interesses e aos saberes das crianças”.

Ao ser questionada sobre como a professora Mariana da escola B vê o brincar, ela afirmou que não consegue fazer as atividades no momento em que pretende, “às vezes até me frustro, porque me programo para fazer a atividade e quando chego aqui, não consigo, às vezes um simples carimbar mão, carimbar pé, eles não querem”.

Precisamos escutá-las através de seus gestos, seus interesses precisam ser compreendidos e atendidos, as propostas que levamos até a sala não podem ser rígidas, visto que cada uma tem a sua necessidade em diferentes momentos. Para tanto, Cairuga, Castro & Costa (2014) ressaltam que:

as características dos bebês exigem que o dia a dia seja muito bem planejado pois há um grande dinamismo e diversidade no grupo. Enquanto duas crianças dormem, uma quer comer, outra brinca ou lê seus livros brinquedos enquanto outro bebê precisa ser trocado. Toda essa diversidade, numa situação de dependência, exige atenção permanente à segurança das crianças através de um número adequado de adultos para efetivamente dar conta das suas singularidades. (p. 92)

As crianças tem as suas necessidades, e precisam ser atendidas. Carecem de afeto, segurança, cuidado, desenvolvimento motor e cognitivo. Precisamos estar sempre atentos em relação a maneira interagimos com a criança e com a sua família, também não nos devemos nos esquecer do planejamento das rotinas (alimentação, cuidado, higiene e as formas de estimulação) reconhecendo esse novo bebê, além de organização do espaço físico.

2.2 O ESPAÇO COMO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Muitas crianças passam maior parte do tempo no ambiente escolar, havendo pouco contato com a sua família. Precisamos garantir que esse espaço seja adequado para tanto, pensado e planejado somente neles, nas suas faixas etárias, além de um ambiente estimulante e acolhedor. Cairuga, Castro & Costa (2014) citam sobre este ambiente:

proposta pedagógica sensível às necessidades dessa fase, a um ambiente estimulante, acolhedor e propício às relações afetivas, mas também é essencial um educador que, a partir dos seus conhecimentos, possa observar, entender e “ler” o bebê, comunicar-se com ele, dar apoio e suporte, ajudando-o a se constituir subjetivamente através de propostas pedagógicas ricas e sustentadoras.(p. 46)

Nas Especificidades da Ação Pedagógica, o MEC (2010b) cita sobre os ambientes e as necessidades das crianças “os ambientes precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança. Quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo”.

Quanto ao ambiente, a professora Mariana, da escola B afirmou: “deixo as crianças a vontade para explorarem a sala e o material, eles descobrem o material e os espaços enquanto brincam”. Fortunati (2014) também fala sobre os espaços e destaca a importância do ambiente organizado e planejado para bebês de modo a não se sentirem perdidos:

um ambiente rico em estímulos e oportunidades organizadas constitui um pressuposto contextual adequado para que as crianças não se sintam perdidas em um lugar enorme e desprovido de referências, mas que, pelo contrário, elas possam reconhecê-lo em suas dimensões adequadas e encontrar a possibilidade de se mover e de se orientar de forma autônoma. (p. 48)

Destaco aqui, um parágrafo que mencionei a respeito do espaço da turma que observei na escola C: “A sala é constituída por um pequeno espaço, sem divisões. Encontrei em uma parede da sala varal de barbantes e prendedores com atividades penduradas que as crianças realizaram. Nas demais, há quadros com papel pardo e giz de cera, para as crianças desenharem livremente. Em dois

armários, há brinquedos ao alcance das crianças, assim eles mesmos pegam quando há interesse”.

Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (2009) mencionam sobre o espaço adequado nas salas e falam também sobre os materiais estarem ao alcance das crianças.

os bebês e crianças pequenas precisam ter espaços adequados para se mover, brincar no chão, engatinhar, ensaiar os primeiros passos e explorar o ambiente. Brinquedos adequados à sua idade devem estar ao seu alcance sempre que estão acordados. Necessitam também contar com estímulos visuais de cores e formas variadas, renovados periodicamente (p. 50).

De acordo com a professora Maria, da escola A, “as crianças descobrem os materiais na estante, o espaço da escola enquanto brincam na pracinha, manipulam objetos variados (garrafas coloridas, caixas de papelão, túnel de tecido), tapete sensorial, ao utilizar as motocas, a casinha de tecido, as tiras sensoriais”. O MEC relata nas Especificidades da Ação Pedagógica com os Bebês, que as crianças tem direito a diversos espaços, além da sala:

os bebês na creche, além da sala, têm direito aos espaços de uso coletivo, como bibliotecas, sala de música, pátio e outros. O parquinho da escola é um espaço que deve ser pensado e organizado na medida das crianças. Além disso, é necessário que as crianças pequenas tenham contato diário com a luz do sol, o ar fresco e possam observar e interagir com a natureza. Acima de tudo, o espaço em que as crianças vivem tanto tempo precisa ser prazeroso, bonito, relaxante, alegre (MEC, 2010b, p. 08)

As crianças precisam se sentir acolhidas, desafiadas a fazer novos experimentos, para tanto, a sala deve ser colorida e com brinquedos variados para atraí-los, o ambiente precisa ter móveis dispostos de maneira que eles possam pegar os brinquedos. Cairuga, Costa & Castro (2014), citam sobre os espaços que devem ser desafiadores e acolhedores:

o meio assume uma importância significativa, bem como o papel do grupo, podendo se inferir que os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores e, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e entre elas e os adultos, incluindo os companheiros maiores que frequentam a instituição escolar. Isso se fará na disposição dos móveis e materiais, nas cores, nos odores, nos desafios que, enfim, este meio proporcionará às crianças. (p. 105)

O brincar é a principal atividade da criança na vida, é através dela que adquirem as habilidades essenciais ao aprendizado. A criança adquire a criatividade por meio do brincar livre e o professor deve estar sempre atento à organização do espaço, dos materiais disponíveis, para assim, se pensar nas experiências que poderão ser vivenciadas. Fortunati (2014) “prevê um adulto envolvido na estruturação do ambiente físico, a partir das escolhas que orientam a organização dos espaços destinados para as atividades de brincadeiras e de cuidado” (p. 27). E ainda ressalta que: “deve se pensar em espaços acessíveis, claramente interpretáveis pelas crianças em relação às possíveis experiências que dentro deles podem tomar forma, espaços que comunicam e são potencialmente interpretáveis e também “transformáveis” pela ação de meninas e meninos” (p. 27)

Moyles (2002) cita sobre as aprendizagens que ocorrem por meio do brincar livre, exploratório:

por meio do brincar livre, exploratório, as crianças aprendem alguma coisa sobre situações, pessoas, atitudes e respostas, materiais, propriedades, texturas, elas tem uma outra dimensão e uma nova variedade de possibilidades estendendo-se subsequente e ampliando, as crianças provavelmente serão capazes de aumentar, enriquecer e manifestar sua aprendizagem. (p. 33)

Em uma das visitas, observei Arthur, de dois anos, brincando com as bonecas sozinho, durante um pequeno período de tempo encaixou uns brinquedos, depois com os mesmos, empilhou um em cima do outro. Durante algum tempo, se distraiu arrastando os brinquedos na parede, como quem brinca com carrinhos no chão. As Novas Diretrizes Nacionais (2010c) propõe que “o ambiente deve ser rico de experiências para exploração ativa e compartilhada por crianças e professores, que constroem significações nos diálogos que estabelecem” (p. 09). Também citam a importância da organização de materiais e espaço “organizar os espaços, tempos, materiais e as interações nas atividades realizadas para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho, na dança, e em suas primeiras tentativas de escrita” (p. 10).

O MEC (2010b), aborda a importância dos espaços bem planejados nas escolas, este ambiente chama a atenção das crianças e o professor deixa de ser o foco de atenção das crianças, “uma das tarefas principais de um professor de bebês

é criar um ambiente onde as crianças possam viver, brincar e ser acompanhadas em suas aprendizagens individualmente e também em pequenos grupos” (p. 08).

Diante disso, concluo que o professor deve organizar o espaço, os brinquedos de maneira a acolher as crianças e não se sintam perdidas. O professor também deve desenvolver o papel daquele que observa tudo, que intervêm quando necessário, mas que deixa as crianças brincarem livremente, deixando a imaginação se soltar, pois durante a brincadeira, a criança cria e imagina diversas vezes, muitas vezes representando a sua vida através do brincar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionei na introdução, me apaixonei pela educação infantil e havia trabalhado apenas com professores que deixavam as crianças livremente pela sala, sem atrativos dos seus interesses e sem organização do espaço pensado e planejado para eles. Durante as aulas da especialização, em que estudei a respeito de Winnicott, pude compreender como se desenvolve os primeiros anos de vida da criança, a atenção que precisamos dar a elas, o carinho, o conforto, a segurança, assim como os objetos transicionais, os acontecimentos totais, ambiente facilitador, holding, mãe dedicada comum.

Devemos olhar para a criança e percebê-la no ambiente que está inserida, devemos organizar o espaço para que ela não se sinta perdida, deslocada. Oferecer brinquedos atraentes para a faixa etária deles e deixa-los livres, para fazerem o uso do objeto que quiserem e lhe permitir, deixando a imaginação falar mais alto.

Asseguro que as observações realizadas nas escolas foram muito positivas, de total aprendizado, pois conheci novos espaços, outras maneiras que os professores trabalham com as crianças e esse estudo me fez refletir de maneira a olhar e tratar os bebês como pessoas, que tem vontades, anseios, desejos e necessidades específicas.

Através das observações que realizei nas escolas, conclui a importância da observação, deixando as crianças livres, cabe a nós, estarmos presentes observando o brincar e as suas atitudes, ofertando a nossa presença, mas sem interferir no brincar, apenas auxiliando nos momentos necessários. Conclui também sobre a importância de organizarmos os espaços, os materiais também devem ficar a altura das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIRUGA, Rosana Rego; CASTRO, Marilene Costa de; COSTA, Márcia Rosa da. **Bebês na escola: observação, sensibilidade e experiências essenciais**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

FORTUNATI, Aldo. **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças: Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo do possível**. Trad. Paula Baggio. Itália, Edizioni ETS, 2014.

GRECO, Cláudia. **A escola de educação infantil como ambiente “suficientemente bom”**. 168f. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

LINN, Susan. **Em defesa do faz de conta**. Trad. Débora Guimarães Isidoro. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

Ministério da Educação – MEC. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. Brasília: MEC, 2010 (a). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>

Ministério da Educação – MEC. **Especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Brasília: MEC, 2010 (b). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7154-2-2-artigo-mec-acao-pedagogica-bebes-m-carmem&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192

Ministério da Educação – MEC. **O currículo na educação infantil: o que propõe as novas diretrizes nacionais?** Brasília: MEC, 2010 (c). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7153-2-1-curriculo-educacao-infantil-zilma-moraes/file>

Ministério da Educação – MEC. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf

MOYLES, Janet R. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade.** Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro, Imago Editora LTDA, 1975.